

J U N I O R R O S T I R O L A

ENCONTREI UM PAI

A PATERNIDADE QUE VOCÊ PRECISA





Prefácio

Carlito Paes

Encontrei um Pai fala sobre a jornada de um homem com Deus e sua nova história de filho espiritual e pastor. Conheço o pastor Junior Rostirola e sua esposa Michelle há muitos anos. E tem sido muito especial ver seu processo de restauração e crescimento, de forma pessoal e ministerial. Sua igreja, a Reviver em Itajaí, nasceu com 8 irmãos e cresceu para cerca de 3.000 pessoas sob sua liderança. A Igreja Reviver tem se destacado na cidade e em todo estado de Santa Catarina. Por meio da Rede Inspire, temos visto o quanto eles estão sendo inspirados e vêm inspirando outros, rompendo desafios e crescendo a cada dia!

Uma igreja saudável é um lugar de família. Esse plano perfeito de Deus trouxe ao homem pertencimento, aceitação e destino. É justamente dentro do contexto familiar que o homem descobre sua identidade, desperta para o seu propósito e escreve sua história, cumprindo a vontade de Deus em sua vida. Não fomos projetados para a solidão e o isolamento, mas para relacionamentos reais, profundos, relevantes e poderosos. Para isto a família foi criada: promover uma atmosfera capaz de nos conectar às pessoas de maneira tão significativa que descobriremos o propósito maior da nossa existência.

Tanto a família biológica como a espiritual são um memorial de que temos um Deus que concede sua paternidade a todos, que se esvazia de si mesmo para nos redimir e que se move para nos consolar. Tudo aponta para o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Deus é o centro da família. Os nossos relacionamentos familiares deveriam sempre revelar o caráter e a presença de Deus.

Dentro do contexto familiar, fomos criados à imagem de Deus para espelhar e espalhar a sua glória. A liberdade é uma marca da imagem do criador em nós. Somos livres para escolher seu plano perfeito ou para rejeitá-lo. Deus continua governando a História, sem controlar a nossa vida, mas nunca participaremos da sua glória e das suas bênçãos se não tivermos seus princípios e valores. A presença de Deus é a garantia do sucesso familiar.

O pecado tem destruído o registro das digitais de Deus na família, criando lares completamente disfuncionais, nos quais traumas,

rejeição, violência, abandono, morte e insegurança tornam-se as sombrias marcas do homem livre para rejeitar a Deus, mas aprisionado numa vida destrutiva. Onde a paternidade deveria ser revelada, a orfandade tem se manifestado, desfigurando a identidade das pessoas, levando-as a uma vida pequena, sem sentido e sem esperança. Certamente, é desolador e assustador ver as consequências da ausência de Deus nas famílias marcadas pelo pecado.

O mais difícil de se retirar Deus da família é o vazio eterno que esse ato causa. Como reparar tantas vidas destruídas pelo vício? Como trazer esperança em meio ao caos de famílias permeadas por ódio, abandono e violência?

Aqui você encontrará uma história real. O Pastor Junior é um milagre. Deus não está escrevendo o ideal que desejamos, está interferindo na realidade que vivemos e trazendo a sua perfeição, transformando o impossível em milagre. Esta é a história de um homem que permitiu o toque de Deus em seu coração, blindando-o da amargura e do rancor, promovendo a cura, apagando os sinais de destruição do seu passado e movendo-o para o seu destino.

Participar da sua história e ver o que Deus está escrevendo em sua vida e ministério é de fato uma lembrança poderosa de que, no final, o amor sempre vence e o mal perde. A escravidão da orfandade será completamente destruída pelo poder redentor do amor de Cristo revelado por sua Igreja, que nos conecta ao Pai e nos proporciona a identidade de filhos amados de Deus.

Onde a família biológica falhar, a família espiritual poderá alcançar e restituir. A igreja é a esperança para as famílias. Deus está despertando homens como o pastor Junior e sua esposa Michelle para destruir os bloqueadores gerados pela orfandade, mudando a realidade por meio do despertar das suas vocações.

O toque de Deus não promove apenas a cura, mas traz destino. Homens e mulheres que um dia choraram por causa do pecado enxugarão as lágrimas de outras pessoas, trazendo as marcas de Cristo em suas vidas.

As dores de muitas pessoas destruídas pela marca do pecado estão sendo transformadas em ministérios relevantes e influentes que têm se manifestado para restituir o que o Inimigo roubou, ressuscitar o que ele matou e reconstruir o que ele destruiu. Nada pode parar a revolução do amor liberada pela paternidade de Deus.

Todos precisamos de paternidade. Todos precisamos do toque consolador e de cura do Espírito Santo que é o único que tem a habilidade de tocar no nosso passado sem nos destruir. Uma nova história Deus deseja escrever nas páginas brancas da sua vida levando-o além da dor e das perdas. Que este livro-testemunho o ajude a não desistir!

Faça uma boa leitura e ore ao Deus Pai para que ele também se revele Aba Pai para você! Creia que o melhor de Deus está por vir!

—CARLITO PAES

Pastor Líder da Igreja da Cidade e Fundador da Rede Inspire de Igrejas, autor de 26 livros, dentre eles *Igrejas que prevalecem* e *Como pregar para transformar vidas*, ambos publicados por Editora Vida



Apresentação

Palavras de Neemias, filho de Hacalias: No mês de quisleu, no vigésimo ano, enquanto eu estava na cidade de Susã, Hanani, um dos meus irmãos, veio de Judá com alguns outros homens, e eu lhes perguntei acerca dos judeus que restaram, os sobreviventes do cativoiro, e também sobre Jerusalém. E eles me responderam: "Aqueles que sobreviveram ao cativoiro e estão lá na província passam por grande sofrimento e humilhação. O muro de Jerusalém foi derrubado, e suas portas foram destruídas pelo fogo". Quando ouvi essas coisas, sentei-me e chorei. Passei dias lamentando-me, jejuando e orando ao Deus dos céus.

Neemias 1.1-4

Encontrar o propósito verdadeiro pode mudar fundamentalmente a vida de uma pessoa para melhor, além de ajudá-la a contribuir de forma eficaz para algo positivo no mundo em que vivemos.

Quando uma pessoa tem um propósito claro ou o que denominamos "chamado", ela passa a ver o trabalho que desenvolve como uma fonte de sentido, realização e amor, porque passa a ser algo que se transforma em contribuição para a sociedade como um todo.

Foi exatamente isso que comecei a sentir quando me voltei para o próximo. Eu me senti atraído a seguir o propósito que Deus tinha para mim, e isso mudou radicalmente a minha identidade.

Mas nem sempre foi assim...

Durante muito tempo da minha vida, fiquei imóvel, sem iniciativa. Eu podia passar dias sem expressar nem sequer uma reação. O mundo desmoronava ao meu redor, e eu não tinha nenhuma vontade de viver. E isso talvez possa estar acontecendo com você neste exato momento.

Já tinha chorado muito. O lamento e a gritaria foram meus amigos íntimos ao longo de muitos anos. Meus e da minha família. Não havia sonhos para mim que pudessem se tornar realidade. Eu simplesmente não era capaz de sonhar. Ser órfão de pai vivo, a meu ver, é a pior coisa que uma criança indefesa pode vivenciar: medo, insegurança, raiva, vergonha, horror, pavor, gritaria, corre-corre...

Certo dia, porém, descobri meu propósito de vida. Passei pelo filtro do Catalisador. Assim como acontece com os veículos a combustão, os gases tóxicos da minha vida, resultantes da combustão da alma e de experiências mais que dolorosas, foram transformados em gases inofensivos, reduzindo a emissão de poluentes na atmosfera; poluentes estes que eu poderia estar emitindo até hoje. De alguma forma, consegui mudar a atmosfera da minha vida. Agora não sou mais aquele menino que fica no banco da escola, sentindo-se abandonado e desamparado. Agora me sinto com capacidade e emponderado para transformar não só a minha realidade, mas também para transformar a realidade de muitas pessoas.

É assim que vejo o meu passado. Todos os traumas e sentimentos de orfandade da minha infância geraram dentro de mim, depois de adulto, uma inquietação para transformar esses sentimentos em algo positivo e mudar a história de muitas pessoas. Assim como um catalisador, Deus blindou o meu coração para absorver os gases tóxicos e tornou-o capaz de transformá-los em combustível que pode gerar mudança na sociedade. Hoje sou capaz de influenciar uma geração e estender a mão para ajudar pessoas que passam por sentimentos com os quais debati por muitos anos.

Este livro narra um pouco da minha história. Apenas uma parte, ainda que imprescindível, para que eu seja o que sou hoje. Muitos foram os anos em que eu só ouvia notícias ruins e vivia fechado para mim e para o mundo. Os muros da minha família estavam todos derrubados. Nossa família estava em ruínas. Não havia uma janela ou porta de segurança. Literalmente.

Mas, em meio à humilhação e ao sofrimento, surgiu um raio de esperança, uma luz no fim do túnel que me dizia que era possível reconstruir a minha história, ainda que a ruína e o desespero tivessem sido o meu pão diário praticamente toda a infância e grande parte da adolescência.

Na dor, nosso sistema de valores é abalado,
nosso coração se volta para aquilo
que realmente importa.

Convido você para percorrer comigo a jornada da minha família, orando para que o Catalisador da paternidade se torne pleno em você também.



Introdução

Eu tinha um irmão

Michele Lima, irmã de Junior Rostirola

Quando minha mãe, Edite, tinha 18 anos, ela estava noiva de um bom rapaz de família que vivia em Laurentino, Santa Catarina. Eles se conheceram em Lages, e ele a visitava todo mês.

Certo dia, o Domingos (meu pai), que tinha recém-chegado do Paraná, montou uma oficina mecânica ao lado de uma pequena mercearia que meu avô tinha. A minha mãe ajudava a cuidar do comércio trabalhando ali com ele. Acontece que o novo rapaz da cidade sempre aparecia pela mercearia para comprar comida e tomar umas pinguinhas, algo que não era muito diferente do que muitos homens da cidade também faziam.

O meu pai não bebia de cair no chão, mas gostava dos pilequinhos. Todas as vezes que aparecia na mercearia do José — o meu avô —, ele sempre puxava conversa com a minha mãe, e a conversa era boa e agradável. Chegou o dia em que ele a convidou para ir a um baile e, para não ficar constrangedor, pediu para que ela convidasse também o noivo, mas com a condição de dançar pelo menos uma música com ele. Foi aí que começou toda a desgraça.

Todos foram para o baile, inclusive a minha avó, porque obviamente a minha mãe não saía sozinha de casa. Depois da primeira música com o noivo, chegou a hora de dançar com o meu pai. Por debaixo da mesa, ele dá um ligeiro toque na minha mãe e pede ao noivo permissão para dançar com ela. Acabada a música, os dois continuam de pé conversando, até meu pai confessar que gosta da minha mãe e a pedir em casamento. Isso aconteceu no ano de 1965.

No dia seguinte, o noivo aparece para tirar satisfação:

— Você está namorando com o Domingos?

A minha mãe, uma mulher de família e recatada, confessa seus sentimentos, mas diz que nunca aconteceu nada antes do baile, e o noivo, depois de oito meses de relacionamento, toma a iniciativa de terminar tudo.

— Você vai se arrepender! — arremata.

Ao saber dessa história maluca, meu avô ficou muito bravo, mas a minha mãe, por estar tão decidida a ficar com o meu pai, ameaça tirar

a própria vida caso a obriguem a se casar com o então ex-noivo. Oito dias depois, o pai aparece na mercearia da família para pedir a mão da mãe em casamento.

— Eu não faço gosto nesse casamento — disse meu avô —, e ninguém aqui vai ficar “alisando o banco”. Dou três meses para vocês se casarem. Eu sei que ela vai sofrer com você, mas se é isso o que ela quer...

Três meses foi o prazo. Meu avô foi categórico. E eles se casaram em dois meses. A minha avó não dizia nada, a não ser que ela estava deixando um ótimo rapaz sem conhecer nada do outro.

No dia 8 de novembro, o pai falou com o vô, e no dia 8 de janeiro do ano seguinte eles se casaram.

Ah, se arrependimento matasse...

Quanta dor! Quanto medo! Quantos traumas a minha mãe e toda a nossa família sofreram por conta dessa escolha! E a história continua...

Eu tinha um irmão que, durante toda a infância e pré-adolescência, tive que carregar comigo. Eu era dois anos mais velha do que ele. E éramos muito próximos. Como estava constantemente com ele, eu sempre percebia que havia algo diferente nele. Ele tinha um coração bom, uma atitude diferente de qualquer criança. Mesmo com um coração bom, ele passou por muitos traumas na infância. O meu irmão era aquele que sempre permanecia mudo e que jamais expunha suas vontades.

Enquanto o mundo caía em casa, ele se agarrava a uma fralda e paralisava... Aquela fralda era seu porto seguro, era sua companheira. Lembro-me de que, antes de ir para a escola, ele chupava o dedo e cheirava a fralda; logo depois, saía correndo. Quando voltava da escola, a mesma coisa. Era seu ritual.

Como não conseguia encarar ninguém nos olhos, o meu irmão estava sempre de cabeça baixa. Lembro-me de tê-lo visto poucas vezes de cabeça erguida, mesmo com pessoas próximas como nossos amigos em comum. Quando saíamos para brincar, por ele ser muito introspectivo e ter medo de rejeição, sempre ficava sentado no muro de casa

com a fralda nas mãos nos olhando brincar na rua com os amigos. De vez em quando, ele brincava! A maioria das vezes, ele ficava de longe, apenas observando. Com o passar do tempo, entendemos que a fralda, o ficar parado no portão e o não conseguir ir brincar com os amigos eram indicativos do medo e da insegurança que o paralisavam. Quantas vezes na vida somos paralisados por causa dos nossos medos e das nossas inseguranças! Quantas vezes nossos medos nos bloqueiam e nos impedem de conhecer e experimentar nosso futuro e aquilo que Deus está disponibilizando para nós!

Lembro-me ainda de que, por causa dos medos paralisantes, o meu irmão também teve traumas que eram sentidos na escola. Eu ficava aterrorizada quando a professora dele chegava e me dizia que ele estava *outra vez* na secretaria. Ele estava *sempre* lá por causa de uma dor na barriga recorrente que não se sabia o motivo. Quando eu ia vê-lo, sempre o encontrava chorando de desespero e dor. Eu pensava que talvez a professora fosse muito exigente e brava, mas entendemos depois que toda essa dor e essa situação da escola eram reflexo de todo o drama emocional da nossa família. Como sempre estávamos juntos e vivenciamos diariamente essa situação de briga e desespero dentro de casa, passei a entender quanto essa dor que ele sentia na barriga era, sim, um reflexo da nossa casa.

Já a nossa irmã Cris, mais velha que eu, sofria de outro jeito. Ela se fechava em si mesma e vivia dentro do quarto. Ela tentou muitas vezes sentar com o pai e dar conselhos para que ele parasse de beber, mas não tinha jeito. Você sabe como é: poucas pessoas assumem que têm um problema de alcoolismo antes de ter feito um estrago grande demais!

Na escola, ninguém sabia nada sobre o nosso pai. Nunca falei nada a ninguém. Alguém chegou a me dizer que eu não tinha pai, porque eu só mencionava a minha mãe nas conversas. Eu nem sequer conseguia responder; sempre desconversava e saía, porque esse era um tema proibido para mim. Se alguém dissesse para fazer trabalhos da escola na minha casa, eu desconversava ou dizia que não era possível porque

a minha mãe não gostava. Sempre tentava fugir de alguma situação embaraçosa. Deus me livre se descobrissem! Eu morria de medo que soubessem a verdade e de ser desprezada pelos meus amigos.

Nós já tínhamos visto algo parecido perto de casa com uma vizinha. O marido dela era alcoólatra, e a família sofria horrores porque ninguém gostava dos filhos deles.

Eu me esforçava para ser aceita. Na verdade, eu me impunha e me incluía no esporte, no vôlei, no handebol, no pingue-pongue. Eu sempre tomava a iniciativa do que quer que fosse; se era para escolher um time, por exemplo, eu pulava na frente para escolher todo mundo, porque eu tinha medo de ficar para trás. Já o Junior era totalmente o contrário.

Como ele sempre estava comigo, eu sempre o ajudava para que ele nunca ficasse sozinho, mas os amigos na verdade eram meus. O meu irmão não chegava a se relacionar com as pessoas, apenas me acompanhava. Nunca tomava decisões ou partido. Assim, posso dizer que, por muito tempo, ele não teve decisão própria, nem escolhas. Alguém sempre tinha que estar ao lado dele. Até ele ter 13 anos, não me lembro de algo diferente. Junior apenas ficava ali, de cabeça baixa, sentado no muro na frente de casa, observando o movimento da rua por horas, enquanto eu brincava com várias crianças.

Mesmo diante de tanta rejeição e de sempre ser deixado de lado pelas pessoas, era perceptível que havia algo de diferente com o Junior, pois sempre agia bondosamente com as pessoas. Quando brigávamos, ou ele fazia coisas de que eu não gostava, bastava eu dizer que o coração dele ficaria preto ou que ele não iria para o céu, que na mesma hora ele fazia o que eu queria. Ou, então, eu dizia que estava passando mal e que o meu rim estava doendo... Na hora, o pobrezinho ficava apavorado e dizia para eu parar. Mesmo ele sendo rejeitado e sofrendo com o ambiente dentro de casa, o Junior sempre foi preocupado com as pessoas, ele sempre se importou com o próximo.

Eu tinha um jeito especial de manipulá-lo... e ele de ser manipulado e guardar silêncio. Era um menino ingênuo e, de certa forma, como filho mais novo, era o mais indefeso. Também é verdade que ele era o

menino protegidinho da mamãe. Não fazia nada em casa. Por isso, eu aproveitava e pedia que ele me ajudasse com a louça ou na hora de lavar o banheiro.

— Oh, Junior, limpa lá o banheiro para mim que eu tenho que limpar a cozinha! — mas ele sempre dizia não.

— Ah, é! O seu coração vai ficar preto. Aliás, já está preto, já está pela metade...

Ele ficava apavorado e me ajudava.

Diante de qualquer briga, eu soltava a do coração preto, a história da dor no rim, ou me lançava no chão e fazia cena de novela para ele acreditar; simulava e tudo. E gritava:

— Tô mal, muito mal.

Quando tínhamos 10 e 12 anos, respectivamente, quebramos um pé de limão do qual a minha mãe gostava muito. Tudo aconteceu porque o Junior foi podar o pé de limão para a minha mãe, mas acabou cortando o galho errado, e o limoeiro caiu. O medo e o desespero de a minha mãe chegar e ele apanhar, ou de ela o repreender, era enorme.

Para isso não acontecer, nós amarramos o galho a um pedaço de sarrafo para calçá-lo. E lá ficou parado, com os limões e tudo... Só que foi amarelado com os dias, e a mãe notou.

Como o Junior não queria decepcioná-la de jeito nenhum, fiz chantagem com ele, dizendo que contaria tudo para a mãe. Não foi preciso. Quando ela se deu conta, achou até engraçado. Menos mal.

É verdade que a ruinzinha era eu. Também, se eu não me virasse, quem é que me protegeria? Na escola não tinha ninguém para me defender. Eu tinha que encontrar a minha maneira de sobreviver. Mas Junior sempre foi um menino obediente. Nunca reclamava. Em geral, as pessoas o elogiavam porque não era uma criança de incomodar ninguém. Nunca foi rebelde, e o que a mãe dizia para ele era lei.

Crescemos em meio a muitas dores e traumas, e o nosso pai faleceu quando eu tinha 16 anos, e ele, 14. Confesso que foi um alívio e, ao mesmo tempo, uma profunda tristeza, pois dali em diante tinha

acabado qualquer chance de termos um *pai de verdade*. Você consegue entender a contradição desse sentimento?

Nesse período de descanso e alívio, posso dizer que finalmente começamos a viver. Eu já havia perdoado o pai. E isso se deve também ao fato de a minha mãe sempre ter dito que *ele era um homem bom, se não fosse a bebida!* A minha mãe sempre nos blindava de um pai mal e ruim, ela sempre tentava mostrar que o meu pai era bom e que a bebida tinha causado esse mal nele. No fundo, no fundo, isso tinha uma parte de verdade, pois o meu pai nunca fez algo estarrecedor contra nós. Ele nunca encostou uma mão em nós com o desejo de abusar sexualmente. Quando estava são, não nos agredia, e sempre que podia de alguma forma nos respeitava. O que o meu pai não tinha era amor de pai, porque seu pai também era da mesma forma. Ninguém dá o que não tem.

É verdade também que ele nos tratava a todos do mesmo jeito, ainda que fosse da pior maneira. Não havia diferença entre uns e outros. Pelo menos disso não guardo tristeza nem trauma de rejeição.

No entanto, cinco meses depois da morte do meu pai, a minha mãe, que só tinha 47 anos, conheceu o João, e começaram a namorar. Cristiane, nossa irmã, e eu estávamos na adolescência, por isso foi difícil aceitarmos o fato de que a mãe tinha arrumado outro homem e que a história poderia se repetir, mas o Junior pensava que seria sua chance de ter um pai. No início, eles se deram até bem. Mas bastou que ele se casasse com a nossa mãe para que o nosso padrasto começasse a sentir ciúmes do Junior.

Como o Junior tinha sido o primeiro a incentivar que a mãe se casasse, acabou sofrendo e se decepcionando mais uma vez. Acontece que o nosso padrasto tinha um comportamento muito possessivo; logo no começo ele deixou claro que *a mãe era dele*. E isso rompeu o laço que tínhamos com ela, principalmente o do Junior, que era muito forte. Ele não largava do pé do menino. Fingia situações e punha toda a culpa nele.

Quando o João namorava a mãe, ele era um amor com o Junior, cuidava, levava para passear e fazia de tudo para agradar, mas, quando

ele casou com a minha mãe, se transformou, começou a ter ciúmes do Junior. Como ele começou a nos tratar com falta de respeito e a brigar por causa de ciúmes, eu fiquei muito brava e várias vezes comprei briga, porque o Junior simplesmente não se defendia.

Além disso, o Junior e o João trabalharam juntos na área da construção durante três anos. O João sempre dava um jeito de maltratar o menino de cerca de 16 anos, que não contava nada para a minha mãe, porque sabia que ela estava feliz no casamento.

Depois que a mãe casou, ela sempre tinha medo de o Junior ficar sozinho com ele, pois pensava que eles poderiam brigar. Até que chegou o dia em que o menino saiu de casa, dizendo que ia morar comigo. Nessa época eu já estava casada. A minha mãe finalmente exigiu que o meu padrasto pedisse perdão ao Junior, caso contrário não ficariam juntos.

O Junior sempre perdoava, mas não víamos da outra parte nenhum arrependimento nem reconhecimento, por isso demorei muito em perdoar o meu padrasto.

Depois de passar tudo com o meu pai, era difícil aguentar certas coisas e fingir que não estava acontecendo nada. Ele errava outra vez, e voltava a pedir perdão, e todos perdoavam. Comigo já era diferente. Para dizer a verdade, cheguei a desejar que ele morresse. Eu não queria passar de novo por uma situação-limite.

Foram dezenove anos de casados. O João nunca agrediu minha mãe ou a maltratou; seu problema era a possessão e o ciúme que ele tinha da mãe em relação a nós.

Depois de vários anos de casamento, o João teve mal de Alzheimer e começou a requerer cuidado total. A minha mãe cuidou dele até o final: dava banho, trocava na cama, dava comida na boca. A única pessoa de quem ele se lembrava era da minha mãe.

Pouco antes da doença, quando começou a ir à igreja e se converteu a Cristo, foi que ele mudou. Transformou-se em um assíduo frequentador. Inclusive ajudou a fazer o piso da igreja e se alegrava com isso.

O Junior, depois de casado e já curado da rejeição, passou a vê-lo como um parceiro. Quando a história do Junior mudou a ponto de ele fundar a Igreja Reviver e todos irmos para esse ministério, o nosso padrasto já era um verdadeiro fã do meu irmão. João adorava vê-lo pregar. Meu irmão até o contratou para construir sua casa.

Eu cheguei a morar duas vezes na casa da minha mãe depois de casada. Eu via como o nosso padrasto, depois de se converter, era simplesmente apaixonado pelo Junior e fazia de tudo para agradar a ele e às crianças. Ele tinha mudado de verdade.

Mas o meu ódio só passou porque comecei a pedir a Deus que me ajudasse. Eu tinha mania de querer fazer justiça porque era o que eu tinha aprendido toda a minha vida. E pedi a Deus que mudasse o meu coração para poder aceitar as pessoas, mesmo que elas falhassem comigo. Junior e eu conversamos muito sobre isso e sobre como liberar perdão me faria bem e me transformaria em outra pessoa.

Eu sei que Deus ouviu a minha oração de uma forma que não sou capaz de explicar. Tanto é assim que, ao nascer o Pedro, meu filho, fiquei dois meses na casa da minha mãe junto com o João, apesar de ele também ter ciúme do bebê. Mas isso já não me afetava. Jesus me ajudou a ter um coração mais acessível, e toda aquela revolta da infância e da adolescência começou a desaparecer.

Só Deus poderia mudar a vida do Junior e a de cada um de nós. Ele não só superou o passado, como também tem sabido encontrar caminhos para ajudar pessoas que passaram por problemas parecidos com os dele. Aquele menino calado, inerte, sem reação, emocionalmente doente, finalmente conheceu alguém que lhe deu esperança e um novo sonho.

Hoje sou capaz de ver como Deus cuidou dele em meio a todo o sofrimento e o preservou apesar de tudo. Quando vejo as pessoas do colégio que caçoavam dele e hoje o veem com outros olhos, eu me sinto orgulhosa. Quando vejo os projetos sociais, eu fico realmente emocionada por ver como Deus entrou para ficar na nossa vida. Deus existe! E eu agradeço a ele por tudo o que fez e fará na vida de uma

pessoa humanamente improvável, porque sou testemunha ocular desse processo.

De órfão de pai vivo e emocionalmente frágil a uma pessoa restaurada e pastor de milhares.

Graças a Deus, eu também fui abençoada. Conheci um bom homem, Geovane, com quem me casei, e que, aliás, era vizinho nosso e conhecia muito bem o nosso drama familiar. Com ajuda dele, eu também fui curada e tenho aprendido a amar e a perdoar. Quando olho para ele, vejo o que é ser um pai de verdade. Ele e o Pedro têm um relacionamento pai-filho que me leva a agradecer a Deus todos os dias.

Embora eu não tenha conseguido ser mãe para o Pedro no início, por não demonstrar amor e carinho, o Geovane me ensinou a dar e a receber amor. Eu tive que aprender a entender que o meu filho precisava de mim, do carinho de mãe, não só de pai; necessitava do meu abraço, algo que me custava o mundo. Por isso, digo que Deus também teve paciência comigo e foi renovando e transformando todas as áreas da minha vida. E o processo continua!

Hoje construí a minha família... estou crescendo a cada dia!